

O ROUXINOL E O LICRANÇO

Era uma vez um rouxinol e um licranço que só tinham um olho cada um e viviam desde longa data na mesma casa em paz e harmonia. Um dia, porém, o rouxinol foi convidado para um casamento e comunicou ao licranço:

— Convidaram-me para uma boda e não gostava de comparecer apenas com um olho. Sê camarada e empresta-me o teu. Devolvo-to amanhã.

E o licranço comprazeu-o.

Mas, no dia seguinte, quando regressou a casa, o rouxinol estava tão satisfeito por ter dois olhos na cabeça e poder contemplar todos os lados, que não quis devolver o que lhe fora emprestado. Em face disso, o licranço jurou vingar-se dele e dos filhos dos seus filhos.

— Então, experimenta! - desafiou o rouxinol, que se pôs a cantar:

Construirei o meu ninho naquela árvore,

tão, tão, tão alto,

Que nunca conseguirás alcançá-lo.



Desde então, todos os rouxinóis têm dois olhos e os licranços nenhum. No entanto, onde ele constrói o ninho, vive também, entre os ramos, um licranço, que consegue sempre trepar até lá, perfurar os ovos do inimigo e absorver o conteúdo.

DIEDERICHS, Ulf, Palácio dos Contos, vol.I, Círculo de Leitores, Lisboa, 1999

